

FH abre fogo contra bolsas de estudo

Número de bolsistas em pós-graduação cresce num ritmo superior ao dos universitários

Hipólito Pereira

Aziz Filho e Chico Otavio

O presidente Fernando Henrique Cardoso criticou ontem o sistema universitário brasileiro, afirmando que, por não serem aproveitados no mercado de trabalho, muitos estudantes usam o sistema de bolsas como opção a empregos no setor produtivo. Ele pregou mais entrosamento entre as instituições de ensino e o sistema produtivo e cobrou dos dirigentes das universidades mais responsabilidade na gestão orçamentária. As críticas foram feitas pelo presidente num discurso para 400 cientistas na abertura da 6ª Conferência Geral da Academia de Ciências do Terceiro Mundo, no hotel Rio Palace, em Copacabana.

— Ainda não conseguimos estabelecer critérios razoáveis para que o princípio da autonomia universitária seja seguido do princípio da responsabilidade efetiva dos orçamentos por parte daqueles que comandam as universidades — disse Fernando Henrique.

O presidente atribuiu à falta de entrosamento entre mercado e universidade uma distorção que, segundo ele, está aumentando a demanda por bolsas de estudo num ritmo superior ao do crescimento do número de vagas nas universidades. O presidente classificou como preocupante o fato de o número de formandos das universidades não estar aumentando como o das bolsas de estudo, que, nos últimos cinco anos, cresceu a um ritmo de 12% ao ano.

— Provavelmente, não está havendo um aproveitamento dos profissionais que passam pela universidade no sistema normal de oferta de empregos e, por consequência, o sistema de bolsas está sendo um substituto do emprego para aqueles que se formam nas universidades — afirmou ele.

Presidente defende a prioridade do Governo para o ensino básico

Fernando Henrique procurou justificar a decisão de dar prioridade orçamentária à educação básica e não ao ensino superior. Disse que seu desafio é garantir escola para todas as crianças até 1998 (cerca de 40 milhões), mas buscando não reduzir os investimentos em ciência e tecnologia, o que, segundo ele, dependerá da "expansão global na oferta de recursos". O presidente não escondeu as dificuldades que enfrenta, como acadêmico, para promover essa inversão de prioridades.

— Podem os senhores e as senhoras imaginar as dificuldades que tem um presidente que é professor da Universidade de São Paulo, membro da Academia do Terceiro Mundo e de várias outras, e que tem de mudar as prioridades, assegurando mais recursos à educação primária, proporcionalmente, do que os recursos que vão para a educação superior e para a ciência e a tecnologia — disse Fernando Henrique.

O presidente não resistiu à vontade de falar em inglês para um público repleto de intelectuais e cientistas estrangeiros. Quebrou três vezes o protocolo que o recomenda falar em seu próprio idioma. Primeiro, saudou em inglês os visitantes, explicando que discursaria em português. Quando a intérprete Marília Rebello não entendeu uma frase e pediu para que ele a repetisse, o presidente enveredou de novo pelo inglês, dispensando a tradução. Ao final, fez um apelo em inglês aos cientistas para que pensem em fórmulas de produção de conhecimento tecnológico que contribua para a redução da pobreza.

FH cobra dos empresários mais investimentos em pesquisa

Fernando Henrique estimou que os investimentos em bolsas de estudo em vários níveis atinjam cerca de US\$ 900 milhões anuais no Brasil. Ele também cobrou dos empresários mais investimentos em pesquisa e tecnologia, afirmando que os incentivos do Governo anualmente para a produção de tecnologia podem chegar a US\$ 3 bilhões.

A solenidade de abertura da conferência lotou o centro de convenções do hotel. Fernando Henrique entregou a 16 cientistas de vários países (três brasileiros) os prêmios concedidos pela Academia de Ciências do Terceiro Mundo.

O baixo aproveitamento dos universitários no setor produtivo foi admitido pelos cientistas presentes. Mas, antes de culpar os estudantes pelo uso das bolsas como opção de emprego, os dirigentes das suas principais instituições científicas do país preferem culpar



FERNANDO HENRIQUE Cardoso desce do helicóptero em sua chegada ao Rio. O presidente fez críticas ao sistema universitário brasileiro e defendeu a prioridade para o ensino básico

as empresas pelo distanciamento das universidades do setor produtivo.

O presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SPBC), Sérgio Ferreira, citou como exemplo desse desinteresse o baixo aproveitamento de pós-graduados brasileiros pelas indústrias. Segundo ele, não chega a 1% do total dos estudantes.

— No mundo globalizado, as indústrias vivem um dilema. Pensam a curtíssimo prazo e confundem modernização com investimento em tecnologia, desprezando o conhecimento. Com isso, correm o risco de ficar obsoletas à médio prazo — alertou.

O presidente da Academia Brasileira de Ciências, Eduardo Krieger, também defendeu os bolsistas:

— As universidades não estão falhando. O mercado de trabalho é que não es-

tá absorvendo os recém-formados.

Para Krieger, não há razão para Fernando Henrique priorizar a educação básica em detrimento da superior.

— Não existe diferença entre educação básica e superior. Temos que expandir os investimentos nas universidades porque é dali que saem os recursos humanos qualificados para oferecer educação em todos os níveis — disse o presidente da academia.

Para cumprir a promessa de levar para a escola, até 1999, todas as crianças que estão fora das salas de aula, Fernando Henrique terá muito trabalho. Pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), coletados no ano passado, quase 10% das crianças de 7 a 14 anos não vão à escola.

Dos 2,7 milhões de sem-escola nessa faixa etária, quase a metade (1,2 mi-

lhão) vive no Nordeste, onde as crianças carentes trocam livros e cadernos pelo trabalho duro em canaviais, carvoarias e nas ruas. A Bahia é o estado recordista em número de brasileiros de até 14 anos fora da escola: são 326 mil, 12% do total. Mas a pior situação está em Alagoas, onde 21% da população dessa faixa etária estão sem ensino.

Depois do Nordeste, o Sudeste foi a região com o maior número absoluto de crianças fora da escola, com 661.262 crianças até 14 anos sem estudar. O Rio abriga 113 mil meninos e meninas que não frequentam as aulas. Apesar da melhoria nos índices de evasão no país, o comportamento das taxas de promoção e repetência na 1ª série do ensino fundamental está longe do desejável.

Apenas 55% do total de alunos são promovidos e 44% repetem o ano, o que

leva muitas crianças a largarem a escola. Outro gargalo do ensino básico, segundo o próprio Ministério da Educação, situa-se na 5ª série, quando se dá a transição do primeiro para o segundo ciclo. A taxa de repetência é de 34%.

O presidente esclareceu, contudo, que a meta de levar todas as crianças para a escola, até o final do ano que vem, não deve ser vista como uma promessa de Governo, mas como um desafio lançado à sociedade:

— Gostaria que todos os brasileiros aceitassem esse desafio, não que fosse visto como uma promessa do ministro ou do presidente, para no fim ser cobrada. O que adiantaria isso? Quem tem que fazer somos nós todos — disse. ■

• PRESIDENTE ENTREGA PRÊMIO AO TELECURSO 2000 na página 4